

## Cultura e integração regional: caminhos para pensar a descolonização do poder na américa latina

Valéria Graziano<sup>1</sup> 

Universidad de Salamanca, Espanha

Lia Calabre<sup>2</sup> 

Universidade Federal Fluminense, Brasil

Mónica Guariglio<sup>3</sup> 

Universidad de Avellana, Argentina

Neste momento em que o cenário político latino-americano se caracteriza pela conformação de uma *segunda onda progressista*, marcada por uma nova guinada à esquerda em diversos países da região desde 2019, torna-se ainda mais fundamental a reflexão sobre as conquistas, limites e contradições que caracterizaram os projetos integracionistas adotados durante a primeira onda (2003-2015), de maneira a contribuir para os debates sobre os rumos da integração regional na América Latina nesta segunda década do século XXI.

Desde a eleição de Andrés Manuel López Obrador como presidente no México em 2018, governos de esquerda e centro-esquerda foram eleitos na Argentina (2019), Panamá (2019), Bolívia (2020), Peru (2021), Chile (2021), Honduras (2022) e Colômbia (2022). Cabe destacar que, em países como México e Colômbia, tais resultados eleitorais são inéditos em suas histórias. No Brasil, as pesquisas eleitorais sobre a disputa presidencial que ocorrerá no segundo semestre de 2022 indicam um possível retorno de Luiz Inácio

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidad de Salamanca, Espanha. Mestra em Estudos Culturais (USP). Mestra em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (UNB). E-mail: [valeriagraziano@gmail.com](mailto:valeriagraziano@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em história. Pesquisadora e professora do PPG Memória e Acervos – FCRB; professora do PPG Cultura e Territorialidades – UFF e do MBA de Gestão e Produção Cultural da UCAM. E-mail: [liacalabre@gmail.com](mailto:liacalabre@gmail.com)

<sup>3</sup> Diretora da Cátedra UNESCO "Diversidad cultural, creatividad y políticas culturales" da Universidad Nacional de Avellaneda (UNDAV), Argentina. Professora da Licenciatura em Gestión Cultural da UNDAV. Licenciada em Derecho pela Universidad Nacional de Buenos Aires (UBA). E-mail: [mguariglio@undav.edu.ar](mailto:mguariglio@undav.edu.ar) / [catedraunesco@undav.edu.ar](mailto:catedraunesco@undav.edu.ar)

“Lula” da Silva à presidência. Ressalta-se, ademais, neste contexto político regional, as mobilizações populares que tomaram conta das ruas do Chile a partir de 2019, dando origem ao atual processo constituinte que propõe a criação de um Estado Plurinacional.

Durante o primeiro ciclo progressista, que deu origem à chamada *onda rosa* no âmbito da integração regional latino-americana, os governos eleitos alcançaram significativas conquistas econômicas e sociais tanto em âmbito nacional quanto com relação à inserção da região no sistema internacional. Tais transformações impactaram significativamente não só as agendas e estruturas de poder dos Estados nacionais, mas também as instituições e dinâmicas multilaterais regionais. Proliferaram-se, neste período, espaços e arranjos institucionais voltados à formulação e à implementação de políticas, programas e ações de integração regional. Temas como democracia participativa, inclusão social e ampliação de direitos para grupos historicamente marginalizados tornaram-se eixos estruturadores de políticas públicas e de iniciativas de cooperação regional nas mais diversas áreas e esferas nacionais e intergovernamentais.

Nesse cenário, as políticas culturais ganharam não apenas novos arranjos institucionais nos níveis nacionais e regionais, como também uma agenda renovada e ampliada, passando a incorporar questões como diversidade cultural e interculturalidade, economia criativa, plurinacionalidade, racismo, migrações internacionais, direitos indígenas, direitos culturais, políticas públicas de base comunitária, dentre outros.

Todavia, considerando que tais governos não chegaram a romper com o padrão de poder capitalista colonial moderno que constituiu os Estados modernos na América Latina, e que os processos de transição política experimentados por cada um dos países foram bastante diversos, as articulações regionais a partir da área da cultura foram marcadas por intensos embates e contradições, resultando em limites e desafios que as negociações políticas e os processos de implementação de muitos desses projetos foram revelando.

Embora a cultura e a diversidade cultural tenham sido incorporadas como princípios orientadores de projetos regionais nas mais distintas áreas, a não ruptura com o modelo de desenvolvimento historicamente adotado nos projetos de integração regional - baseado na ideia de progresso econômico e na exploração infinita da natureza e da vida, assim como a incorporação acrítica de discursos e concepções hegemônicas que permeiam a cooperação internacional - resultou em continuada violência contra povos indígenas, camponeses e comunidades tradicionais e, conseqüentemente, na exclusão dos povos, saberes e cosmovisões diversos dos projetos de integração. Dessa forma, seguiu-se reproduzindo, no âmbito da integração latino-americana, um modelo civilizatório excludente e insustentável.

Portanto, a partir de análises interdisciplinares das iniciativas de integração regional na área da cultura desenvolvidas pelos governos latino-americanos eleitos entre 2003 e 2015, o presente número temático, intitulado **“Cultura e Integração Regional: Caminhos para pensar a descolonização do poder na América Latina”**, pretende contribuir para os debates sobre o lugar da cultura nos processos emancipatórios e de descolonização do poder na região, assim como para as reflexões sobre possibilidades de construção de processos de integração regional contra-hegemônicos, que nasçam da articulação entre cultura, alternativas ao desenvolvimento, autonomia e soberania regional.

Dentre os objetivos específicos estão: (i) analisar as experiências de integração regional na área da cultura desenvolvidas a partir de arranjos e organizações multilaterais regionais - com ênfase no MERCOSUL -, no período de 2003 a 2015; (ii) analisar as contribuições, limites e contradições de tais experiências para a consolidação de políticas culturais nacionais e para a integração cultural regional; (iii) analisar as articulações e disputas simbólicas e de poder entre atores governamentais e não governamentais relacionadas às políticas e projetos de cooperação regional desenvolvidos no âmbito da cultura e/ou outras áreas que incorporaram a cultura como eixo transversal; (iv) contribuir para os debates teóricos sobre a cultura

como dimensão central e eixo estruturante para o desenvolvimento de políticas públicas e iniciativas de integração e cooperação regional que visem romper com a colonialidade do poder, assim como para a construção de alternativas ao sistema-mundo capitalista colonial moderno e aos paradigmas hegemônicos de desenvolvimento que historicamente marcaram os processos nacionais e de integração regional na América Latina; (v) contribuir para os atuais debates sobre alternativas ao desenvolvimento e integração regional contra-hegemônica na América Latina.

Desenvolvido como uma iniciativa da *Cátedra UNESCO sobre Diversidade Cultural, Criatividade e Políticas Culturais*, da Universidad Nacional de Avellaneda (Argentina), o material conta com contribuições de pesquisadores que se dedicam ao tema dentro e fora da academia, tendo parte deles participado ativamente de projetos e experiências de integração cultural durante o período analisado.

Em **“O lugar da Cultura na Integração Regional Sul-americana: uma Análise do Mercosul Cultural no contexto do Regionalismo Pós-liberal”**, Valéria Graziano, da *Universidade de Salamanca*, e Mónica Guariglio, da *Universidad Nacional de Avellaneda*, analisam os impactos das mudanças políticas na região durante a primeira década do século XXI para a integração cultural sul-americana, a partir das experiências que marcaram o MERCOSUL Cultural. Ao abordar questões teóricas relacionadas ao regionalismo, às políticas culturais e ao pensamento descolonial latino-americano, as autoras enfatizam a centralidade da cultura para a construção de um projeto de integração latino-americano contra-hegemônico, autônomo e emancipador.

No artigo seguinte, intitulado **“A Cultura no Mercosul: análise dos desdobramentos das Cúpulas Sociais nas Reuniões de Ministros da Cultura (2006-2015)”**, Maria Camila Ortiz, Tereza Spyer Dulci e Yaskara Weit Urruth, pesquisadoras da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Brasil) discutem como as propostas formuladas no

âmbito das Cúpulas Sociais do MERCOSUL (CSM) para a área da cultura foram incorporadas pela Reunião de Ministros da Cultura (RMC), propondo um debate sobre o papel das políticas culturais para o enfrentamento do problema do déficit democrático no âmbito do bloco.

Em **“A cultura na agenda da CELAC a partir de uma perspectiva teórica descolonizadora”**, Carolina Albuquerque Silva, da Universidade de Brasília (Brasil), reflete sobre o chamado regionalismo pós-liberal ou pós-hegemônico na América do Sul com base na agenda da cultura adotada pela Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), enfatizando a necessidade de incluir, no debate teórico e na construção prática, os eixos epistemológico e cultural para a superação da colonialidade do poder nos projetos de integração regional.

Em seguida, no artigo intitulado **“Circulação de pessoas e patrimônio cultural no Mercosur como dimensões para a consolidação de uma comunidade regional”**, Giulia Barão, da Universidade de Brasília (Brasil), e Marysol Rodríguez, da Universidad de Salamanca (Espanha) abordam a relação entre circulação de pessoas e promoção e proteção do patrimônio cultural no MERCOSUL, entendidos pelas autoras como eixos fundamentais para o exercício da cidadania e para a consolidação de uma comunidade regional.

Retomando o conceito de politização do étnico, Félix Pablo Friggeri, da Universidade Federal da Integração Latino-americana, defende, em **“A politização do étnico: as culturas indígenas do Abya Yala como base para a superação do capitalismo”**, que as culturas formadas na práxis da luta pela vida, principalmente os povos indígenas da região, constituem a base para a construção de projetos próprios e alternativos ao capitalismo colonial, inspirando a imaginação de uma integração contra-hegemônica na América Latina e no Caribe.

Em **“Riqueza e Desafios das Políticas Públicas de Cultura: o Programa Cultura Viva e os Diálogos com a América Latina”**, Lia Calabre, da Universidade Federal Fluminense, revisita, com base em pesquisa documental, os dez primeiros anos do Cultura Viva (2004-2014),

de maneira a analisar os processos de diálogo, “contaminação” e interação das ideias do Programa com outras políticas públicas de cultura da América Latina.

Este número temático é complementado com entrevistas realizadas com atores governamentais e não governamentais que participaram diretamente das iniciativas de integração cultural regional durante o período analisado. Em **“O papel das políticas culturais no projeto de integração regional dos governos progressistas do século XXI: alcances, limites e horizonte”**, a pesquisadora Raihana Falleiros (*Universidad de Buenos Aires*) entrevista o sociólogo e ex-Ministro da Cultura do Brasil Juca Ferreira (2008-2010; 2015-2016), com o objetivo de avaliar a atuação do país durante o ciclo progressista latino-americano no que se refere ao lugar da cultura nas agendas política, econômica e social regionais.

A segunda entrevista, **“Rede Latino-Americana de Teatro em Comunidade: Reflexões sobre Cultura Viva Comunitária e Integração Regional contra-hegemônica na América Latina”**, conduzida pelos pesquisadores Eduardo Ullian (*Universidade de São Paulo, Brasil*) e Valéria Graziano (*Universidad de Salamanca, Brasil*), aborda as experiências que emergem do movimento latino-americano *Cultura Viva Comunitária*, a partir das relações entre políticas culturais, integração regional e emancipação social. Para tanto, entrevistam três gestores de espaços culturais que integram a *Rede Latino-Americana de Teatro em Comunidade*: Edith Scher, fundadora e diretora do grupo de teatro comunitário *Matemurga*, no bairro Villa Crespo, Buenos Aires, Argentina; Luis Vasquez (Tin Tin), coordenador do *Teatro Trono*, localizado em El Alto, La Paz, Bolívia; e Adriano Mauriz, membro fundador do grupo *Pombas Urbanas*, que atua em Cidade Tiradentes, São Paulo, Brasil.

Dialogando com as reflexões apresentadas nos artigos e entrevistas, finalizamos este número temático com a **“Conferência de David Choquehuanca Céspedes no Primeiro Diálogo do Curso de**

***Pós-Graduação e Extensão Universitária Migração, Território e Direitos Humanos em tempos de incerteza: um olhar a partir de sistemas complexos, 1º de julho de 2020***", cuja apresentação e transcrição foi elaborada por Rodrigo Ávila Huidobro, da *Universidad Nacional de Avellaneda*.

Esperamos, dessa maneira, contribuir com o aprofundamento do debate sobre a centralidade da cultura para a construção de uma integração regional latino-americana autônoma, contra-hegemônica e emancipadora, possibilitando imaginar outros mundos possíveis para os povos de *Abya Yala*. Boa leitura!

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.199759](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2022.199759)

---

*Recebido em: 02/07/2022  
Aprovado em: 02/07/2022  
Publicado em: 03/07/2022*